

1982, um bom ou mau ano? Os economistas divergem.

Luís Nassif, enviado especial.

Economia - Brasil
Jornal da Tarde

A mesa, realmente, não foi muito habilidosa. Colocou, lado a lado, no painel de abertura do IX Encontro Nacional de Economia (o mais importante encontro de economistas do País), que se realiza em Olinda, a professora Marita da Conceição Tavares, mulher de gênio quente e linguagem desabrida, e o professor Roberto Fendt, homem ligado ao setor de exportações, formal como um lord inglês.

As diferenças de concepções entre os dois são ainda mais acentuadas do que as de temperamento. Como já virou tradição nas aberturas desse encontro, Conceição armou um tremendo bate-boca, que, se não enriqueceu sobremaneira o pensamento econômico brasileiro, pelo menos agitou. A pasmaceira acadêmica onde normalmente navegam encontros dessa natureza.

O início dos debates até que foi calmo. Cerca de 350 professores de todo o Brasil comprimiam-se na sala de convenções do Hotel Quatro Rodas de Olinda, para assistirem ao painel "A Economia Brasileira: Conjuntura e Perspectivas". O presidente da mesa, Clóvis Cavalcanti, da Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, abriu a sessão passando a palavra a José Antônio Sant'Ana, da Universidade Nacional de Brasília.

Sant'Ana traçou rapidamente seu diagnóstico da crise. Para ele, a

situação internacional é caótica e as perspectivas são sombrias. "As políticas nacionais de ajustamento não vão conseguir resultado algum", conclui ele. "Só um acordo entre todos os países, tal como ocorreu no pós-guerra poderá resolver alguma coisa". Até que se chegue a esse acordo, a recessão internacional se aprofundará, haverá um maior protecionismo, com consequências imprevisíveis para os países subdesenvolvidos.

Otimismo de Fendt

Quem esperava que o expositor seguinte — Roberto Fendt — aprofundasse a recessão e o pessimismo, enganou-se. Durante 20 minutos, Fendt brindou a platéia com momentos de intensa fé no desempenho da economia para o ano que vem. "De outubro de 79 para cá, o Federal Reserve (o Banco Central norte-americano) deu uma enorme guinada na política monetária", disse Fendt. A platéia já sabia. "Isso causou uma enorme variação nas taxas nominais e reais (as nominais, descontada a inflação)." Até aí nenhuma surpresa. "Pensava-se que essa flutuação traria impactos consideráveis sobre o comércio internacional", continuou Fendt, "mas assim como a taxa cambial flutuante (que foi adotada pelo sistema financeiro mundial a partir de 71) não desorganizou o mercado de capitais internacional, o abandono da política do

FED de fixar as taxas de juros também não provocou os abalos que se esperavam".

Aí, parte da platéia se surpreendeu. Maria da Conceição ajeitou-se melhor em sua cadeira. Mas nada falou.

Em seguida, Fendt tentou demonstrar que o crescimento das exportações brasileiras foi excepcional este ano. Não dos produtos primários, que se ressentiram da queda nas cotações internacionais, reflexo dos altos juros internacionais (ninguém vai aplicar no café, podendo aplicar com mais segurança e rentabilidade nas letras do Tesouro norte-americano). Mas nos manufaturados — continuou Fendt —, o desempenho foi excepcional. Até setembro deste ano, o acréscimo nas exportações de manufaturados foi de 30% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os Estados Unidos resolveram aplicar medidas protecionistas contra alguns produtos brasileiros, é verdade. "Mas são os mesmos 4 ou 5 produtos que tinham problemas desde 1974", explicou Fendt. E concluiu taxativo: "De lá para cá não aconteceu nada de novo em protecionismo em relação ao Brasil, acabando com essa quimera de que o protecionismo acabaria com o Brasil". E Maria da Conceição, impaciente em seu canto.

As importações estão caindo, os

preços do petróleo se manterão estáveis pelo menos por dois anos, a Petrobrás está aumentando sua produção interna e os juros internos cairão, acompanhando a queda dos juros internacionais. "É difícil deixar de concluir que para 82 teremos um espaço de 8 a 10% para aumentarmos nossas importações, o que garante um crescimento do PIB de pelo menos 5%."

Sussurros na platéia. Conceição meze-se na cadeira, mas se contém.

Aí Fendt concluiu sua exposição com uma previsão excepcionalmente otimista. "Em 1981, aplicamos uma política econômica ortodoxa, de combate à inflação e ao desequilíbrio do balanço de pagamentos do lado da demanda agregada (com recessão), como a Inglaterra. Minha expectativa é que em 82 possamos iniciar uma política que alcance esses objetivos pelo lado da economia da oferta como a aplicada pelos Estados Unidos (isto é, cortando impostos e gastos governamentais)."

A platéia riu. Metade de satisfação. Metade, por ironia.

As críticas de Conceição

O presidente da mesa ofereceu o microfone a Conceição. "Quer?" Ela recusou com um gesto de "passo". O microfone foi para Walter Barelli, diretor do Dieese, de São Paulo, que

apontou para o problema da criação de empregos no ano que vem. "Este ano deixaram de ser criados 1,5 milhão de novos empregos, além daqueles empregos que foram eliminados. Como vamos fazer no ano que vem para criar 3 milhões de empregos novos, e ainda repor os que foram eliminados?"

Paulo Francini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, responsável pelo Departamento de Empregos da Fiesp, não sabia. "Concordo com Barelli quanto à necessidade do governo fixar prioridades. O enfoque da política econômica está dissociado da sociedade (murmúrios de aprovação no plenário). Isto é um reflexo da concentração que existe a nível de poder. 81 trouxe boas coisas: a sociedade questionou mais, fez propostas novas e trouxe novas formas de participação" (palmas). Aí Francini se entusiasmou: "Só com a descentralização do poder político se poderá alcançar a descentralização da economia". A platéia explodiu em palmas.

Dai foi a vez de Conceição. A primeira bordoadada foi para Delfim Neto ("ele não precisava ter cedido tão escandalosamente aos bancos internacionais"). Em seguida, mergulhou de cabeça no mais negro pessimismo. "81 foi talvez o último ano do debate que se inaugurou em 75 e teve seu auge no movimento de massa em 79."

Depois, passou a desancar impiedosamente a exposição de Fendt, "que é mais americano que os próprios americanos. Ao contrário do que o Fendt disse, nem o próprio Fundo Monetário Internacional considera que o sistema financeiro internacional se comportou admiravelmente". O sistema está "um caos completo"; os bancos internacionais só estão conseguindo sobreviver porque são um condomínio, que conseguiu segurar os mais afoitos. O sistema financeiro norte-americano está numa posição desastrosa, "só não quebra porque ninguém cobra ninguém", e "ninguém tem a menor idéia para onde caminha o desastre"; considerou a opção privada de reciclar os petrodólares uma "opção predatória".

Mais. Mostrou que todas as projeções de balanço de pagamentos apontam para uma aceleração das dívidas de todos os países, com exceção dos Estados Unidos, Inglaterra e Japão. Sustentou que a folga no balanço de pagamentos brasileiro — apontada por Fendt — é um equívoco. "Não se pode confundir balanço comercial (o resultado das exportações menos as importações) com balanço de pagamentos (que inclui isso, mais pagamento de

amortizações e déficit da conta serviços). A estrutura da dívida externa encurtou drasticamente. Os pagamentos de curto prazo passaram de 1 bilhão em 1977 para 7 bilhões de dólares este ano."

Parou um pouco para respirar, e soltou mais uma bordoadada em Delfim ("que não só não planeja como não coordena") e investiu contra os grandes projetos. "Depois da fase de megalomania de Geisel, surgem agora esses dois novos eldorado: Carajás e os cerrados. É um abuso do histrionismo, da irreverência, do deboche, é demais para mim. Estou convencida de que se a sociedade brasileira não encontrar meios de refrear o arbítrio, o deboche, a descoordenação, teremos uma década trágica."

"Só administração de favores"

Voltando-se para Fendt: "Na nossa profissão, temos a obrigação de estudar e fazer o mínimo que a dignidade profissional exige. Não há desculpas para se falar em copiar os Estados Unidos, num país que jamais praticou o liberalismo político ou econômico. E que só aprendeu a administrar favores. Se não se tem nada a responder, que pelo menos se fizessem perguntas novas. É mais honesto parar de tentar criar falsas expectativas."

Aí foi a vez de Fendt. "Desde que comecei a participar da Anpec, todo ano é isto. Nos reunimos, não com o intuito de analisar atos econômicos e propor alternativas, mas de simplesmente dizer que a vaca vai pro brejo". E complementou: "A Conceição se disse desencantada com a economia, é que prefere fazer filosofia e matemática. No final de 82, ela vai dizer que está estudando culinária e cuidando de peixinhos exóticos. Não dá para entender esse estado de espírito em você, com quem aprendi os rudimentos de economia. Só falta falar para os economistas ficarem em casa, fazendo modelos matemáticos".

A bola voltou para Conceição. "Bons tempos aqueles em que Simonsen e Delfim faziam modelos matemáticos. Ruim ficou depois que resolveram fazer política econômica." E concluiu: "Tenho direito, pela minha idade, de me mostrar desencantada com a profissão, principalmente quando vejo alguns alunos meus. Tempos atrás me tocou discutir com o Bulhões (Octávio Gouvêa de) e com o Campos (Roberto), que foram meus professores. Era uma política conservadora, a deles, porém clara. Ficou ruim quando passei a discutir com meus colegas Simonsen e Delfim. Parece que vai ficar pior quando meus ex-alunos assumirem o poder".